

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MAGDA CIPRIANI GONÇALVES

EXPERIÊNCIAS CULTURAIS DOCENTES E EDUCAÇÃO INFANTIL:  
INFLUÊNCIA SOBRE A IDENTIDADE DE GÊNERO.

Blumenau  
2016

MAGDA CIPRIANI GONÇALVES

EXPERIÊNCIAS CULTURAIS DOCENTES E EDUCAÇÃO INFANTIL:  
INFLUÊNCIA SOBRE A IDENTIDADE DE GÊNERO.

Artigo apresentado à Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola para a obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade

Orientadora: Profs. MsC Magda Martins.

Blumenau  
2016

## EXPERIÊNCIAS CULTURAIS DOCENTES E EDUCAÇÃO INFANTIL: INFLUÊNCIA SOBRE A IDENTIDADE DE GÊNERO.

**Magda Cipriani Gonçalves; Magda Tânia Martins Silva**

<sup>1</sup> Pedagoga (FURB), Professora de Educação Infantil Rede Municipal Blumenau,  
magdacipriani@gmail.com

<sup>2</sup> Pedagoga (UEM), Especialista Educação Infantil, Séries iniciais (UNINTER).  
Magda21martins@gmail.com

**Resumo:** Esta pesquisa foi realizada no município de Blumenau, em um centro de educação infantil, com amostragem de quatro professoras e trinta e seis crianças, dentre as quais se destacaram algumas situações e respostas que serão abordadas no decorrer do artigo. O objetivo central visa a discutir como as vivências pessoais dos profissionais da educação infantil interferem na rotina da prática pedagógica nos mais variados espaços onde atuam, influenciando na formação da identidade de gênero das crianças. Aparentemente as professoras não apresentam inquietação nas suas práticas profissionais, nas discussões em grupos, e nas paradas a fim de estudar os documentos oferecidos para enriquecer o conhecimento de mundo das crianças, assim como respeitá-las em sua diversidade, ampliando a educação familiar. Desta maneira, esses profissionais poderiam ampliar também a visão acerca da conduta “normalista” que grande parte dos professores estabelece ao conduzir separadamente meninas e meninos a brincar, comportar-se ou encaminhá-las para determinada atividade, atitude que reproduz maneiras sexistas, preconceitos estabelecidos na sociedade e uma visão distorcida e limitada da noção de gênero.

**Palavras-chave:** educação infantil, igualdade de gênero, práticas pedagógicas

**Abstract:** This research was conducted in the city of Blumenau, in a Children's Educational Center, using as sample four teachers and thirty-six children, among which we have highlighted some situations and responses that we will address throughout the article. The main objective of this research is to discuss how personal experiences of professionals working in early child education interfere in their pedagogical routine and teaching practice in the various places where they operate, influencing the shaping process of the children's gender identity. We identified that the teachers do not seem to have specific concerns in that sense in regards to their professional practices, such as group discussions or spaces to study documents aiming to enrich the world of knowledge of children, develop their respect for diversity, and expand their family education. That way, however, such professionals would also be able extend their vision of what might be the 'standard' conduct set by most teachers when separating girls and boys during their play time, as well as inducing their behavior or inciting them to participate on a particular activity, which reproduces the teacher's sexist ways, established prejudices in society and a distorted and limited view of gender.

**Keywords:** child education, gender equality, pedagogical practices.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir de uma inquietação profissional, ao observarmos questões pertinentes ao gênero, relacionadas ao reforçamento cultural realizado pelas professoras que atuam em duas classes de crianças na faixa etária entre dois a três anos.

Durante o ano letivo de 2015, puderam-se verificar as divisões socioculturais que houve por parte das crianças, nas quais meninos brincam com determinados brinquedos e meninas com outros, ou então, meninos deveriam apresentar comportamento mais dinâmico, seguro, bagunceiro e meninas precisariam ser mais cuidadosas, dóceis, emotivas, como *mocinhas* ou *princesas*. Carrara aponta que “o fato de as meninas serem consideradas mais quietinhas e de os meninos serem vistos como mais bagunceiros é levado em conta na hora de decidir quem vai sentar com quem e em quais lugares da sala” (2009, p.94). Sendo assim, a maioria das professoras enfatiza esses comportamentos, não havendo qualquer tipo de questionamento se estão ou não interferindo na identidade de gênero, e assim reforçando a divisão sexista, legitimando as desigualdades. (BISCARO, 2009, P.10)

Louro(2002), in Bísaro (2009, p.10), reforça que a “passagem pelos bancos escolares deixa marcas. Permite que se estabeleçam ou se reforcem as distinções entre os sujeitos. Ali se adquire todo um jeito de ser e de estar no mundo”

Para algumas professoras é *natural* reforçar essa identidade cultural de gênero, em que meninas devem brincar com bonecas, loucinhas, enquanto que os meninos brincam com carrinhos, bonecos de ação e heróis. Essa *naturalidade/normalidade* é posta em xeque toda vez que um menino brinca de boneca ou faz comidinha no faz-de-conta, assim também quando uma menina invade o território dos meninos ao brincar com um boneco de ação ou pegar um carrinho para dirigir.

Nogueira (2014, p.172) disse que: “projeta-se para os que nascem, nestes nascimentos que se querem cabíveis no padrão (...nascemos sendo medidos!), a lógica do mundo normal, por toda vida.”

Diante deste cenário, pretende-se através desta pesquisa inquietar aqueles que enxergam o mundo atual com determinada *normalidade* referente as atribuições

reforçadas aos gêneros, pois a natureza humana está na versatilidade, na diversidade do indivíduo.

Considerando que a diversidade cultural está presente em todos os ambientes, há de ser vivenciada e respeitada por todos. Carrara contribui com a seguinte fala:

“Falar de diversidade cultural no Brasil significa levar em conta a origem das famílias e reconhecer as diferenças entre os referenciais culturais de uma família nordestina e de uma família gaúcha, por exemplo. Significa, também, reconhecer que, no interior dessas famílias e relação umas com as outras, encontramos indivíduos que **não são iguais**, que têm especificidades de gênero, raça/etnia, religião, orientação sexual, valores e outras diferenças definidas a partir de suas histórias pessoais.” (CARRARA, 2009, p.23 – grifo das autoras)

Conforme a citação apresentada, o ideal seria que os profissionais da área zelassem pelo respeito às diferenças, como opinião e expressão, conforme define o Estatuto da Criança e da Adolescência, Art. 16, p II, que há entre os colegas de turma, assim como suas características pessoais, suas vontades, desejos. Todavia, percebe-se que a maioria desses profissionais além da obrigatoriedade de seguir as rotinas institucionalmente impostas, como acolhida, refeições, brincadeiras, descanso, despedidas, desdenham educandos ao desrespeitar suas singularidades.

Percebe-se que pode haver algumas influências externas, que levam as professoras a reforçar estereótipos machistas e femininos em seus alunos, tais como afirma GUIMARÃES: “Geralmente as estereotípias que discriminam o homem e a mulher como desiguais, são tradicionalmente reforçadas no ambiente escolar, podendo-se encontrar atitudes de machismo, mesmo nas mulheres.” (2002, p. 17 e 18).

Contudo, a explosão do feminismo em meados de 1960, no Brasil, trouxe consigo a luta dos direitos da igualdade de gênero e também as lutas pela identidade. Todavia, algumas instituições foram e são contra essa igualdade das mulheres, o que pode vir a causar atropelos na educação infantil. O que se busca responder é: *Que instituições e valores são estes que estão enraizados na alma das professoras que atuam em um centro de educação infantil da rede pública de Blumenau e que perpassam os valores éticos e morais da profissão, levando a impor seus princípios sobre crianças, desrespeitando sua diversidade sócio-histórico-cultural?*”

Atualmente a criança é vista como um sujeito de direitos, que tem o direito de brincar, se expressar, se divertir, tal como se pode contemplar no Estatuto da Criança e do Adolescente, art.16:

“O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: I - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais; II - opinião e expressão; III - crença e culto religioso; IV - brincar, praticar esportes e divertir-se; V - participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; VI - participar da vida política, na forma da lei; VII - buscar refúgio, auxílio e orientação” (ECA, 1990)

Na atualidade, há todo um cuidado e preocupação para com o sujeito infantil. Existem estudos em todas as áreas voltados para seu desenvolvimento físico, psicológico, intelectual e social, assim como leis para assegurar a proteção integral da criança.

O espaço de educação infantil Conforme a LDB 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), art.29, “é a primeira etapa da educação básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seu aspecto físico, psicológico, intelectual e social complementando a ação da família e da comunidade.”

As crianças realizam descobertas e convivem com novos valores, sentimentos, ideias, através de interações sociais, as quais estão relacionadas com o desenvolvimento da identidade dela. Essas interações sociais acontecem a partir de laços afetivos que o sujeito infantil desenvolve com os demais que estão ao seu redor. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

“O desenvolvimento da identidade e da autonomia estão intimamente relacionados com os processos de socialização. Nas interações sociais se dá a ampliação dos laços afetivos que as crianças podem estabelecer com as outras crianças e com os adultos, contribuindo para que o reconhecimento do outro e a constatação das diferenças entre as pessoas sejam valorizadas e aproveitadas para o enriquecimento de si próprias. Isso pode ocorrer nas instituições de educação infantil que se constituem, por excelência, em espaços de socialização, pois propiciam o contato e o confronto com adultos e crianças de várias origens socioculturais, de diferentes religiões, etnias, costumes, hábitos e valores, fazendo dessa diversidade um campo privilegiado da experiência educativa. O trabalho educativo pode, assim, criar condições para as crianças conhecerem, descobrirem e ressignificarem novos sentimentos, valores, ideias, costumes e papéis sociais.” (RCNEI vol.2, 1998, p.11)

Tais espaços de socializações citados podem ocorrer desde a sala, até em parques, refeitórios, pátios, bibliotecas, corredores, em que haja essa interação entre a criança e o outro.

As interações iniciais da criança neste espaço, geralmente, acontecem com os professores, com os quais estabelece um laço afetivo maior, sendo assim sua referência.

O professor precisa considerar a individualidade de cada criança. Respeitando a heterogeneidade o profissional precisa desenvolver e ampliar o repertório cultural, conforme apontado no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil vol. 1 (1998, p.30): “o professor deve conhecer e considerar as singularidades das crianças de diferentes idades, assim como a diversidade de hábitos, costumes, valores, crenças, etnias etc. das crianças com as quais trabalha, respeitando suas diferenças e ampliando suas pautas de socialização.”

Ao considerar as singularidades das crianças, o professor precisa zelar ao conduzir a mediação de conteúdos, projetos de sala, interação entre as próprias crianças, contribuindo dessa forma, para a formação de sua personalidade e identidade, tal como podemos encontrar no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

A maneira como cada um vê a si próprio depende também do modo como é visto pelos outros. Os modos como os traços particulares de cada criança são recebidos pelo professor e pelo grupo em que se insere tem um grande impacto na formação de sua personalidade e de sua autoestima, já que sua identidade está em construção. (RCNEI vol.2, 1998, p.13)

Logo, com a identidade em construção, a criança ao observar o modo de comportamento dos adultos, começa a construir sua identidade, que também é apontada no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

A identidade de gênero começa a ser estabelecida pelo sujeito a partir da primeira infância, nas suas relações sociais, psicológicas, a partir do sexo atribuído no nascimento. Robert Stoller desenvolveu estudos sobre masculinidade, feminilidade e identidade de gênero. A identidade de gênero é normalmente consolidada pelo segundo ano de vida e identifica três componentes na sua formação: 1.influências biológicas e hormonais; 2. Atribuição do sexo no nascimento; e 3. Influências ambientais e psicológicas. (Apud Carrara, 2009)

## **METODOLOGIA**

Realizou-se a pesquisa no Centro de Educação Infantil Alberto Stein, em Blumenau, Santa Catarina, durante três semanas, com anotações realizadas em cadernos de campo e questionários aplicados com quatro professoras que atuam em duas salas. Todas são formadas no curso de Pedagogia, sendo três pós-graduadas e uma pós-graduanda em Gestão. As duas turmas observadas possuíam o total de trinta e seis crianças, com faixa etária entre dois e três anos.

O nome das professoras foi preservado e substituído por pedras preciosas, assim como o nome dos alunos, quando citados. Sendo Ametista, Cristal, Jade, e Safira as professoras; e Ágata, Rubi e Turmalina os alunos.

Para realizar esta pesquisa utilizou-se a metodologia qualitativa. Minayo, por Dalfovo, Lana e Silveira (2008), aponta que “a investigação qualitativa é a que melhor se coaduna ao reconhecimento de situações particulares, grupos específicos e universos simbólicos”. Junto às professoras e crianças, realizaram-se observações e anotações através das quais podem-se perceber questões relacionadas ao tema, do mesmo modo que o questionário, com perguntas semiabertas e fechadas, com os quais buscou-se analisar as suas condutas em sala.

Através desta pesquisa, tem-se por objetivo responder de que forma os alicerces culturais das docentes que atuam nas salas com crianças de idades entre dois a três anos influenciam os educandos na formação da identidade de gênero.

Através do questionário, verificou-se se há alguma instituição religiosa ou outra que norteia a prática das professoras que atuam na área; investigou-se a vida sociocultural do professor, e como ele pensa a questão de gênero; quais brincadeiras os meninos e quais brincadeiras meninas devem praticar; indagou-se como seria o comportamento ideal de um menino e de uma menina segundo as professoras; as principais diferenças que o educador reconhece entre meninos e meninas.

## **A EXPERIÊNCIA DOCENTE E SUA PRÁTICA**

Como visto previamente, percebemos que as crianças possuem a habilidade de aprendizagem e descobertas, desde a primeira infância, assim como seus direitos



garantidos. Contudo, esse campo de descobertas e aprendizagem pode ser limitado pelos professores que os cercam, assim como ampliada, “o professor... cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e sociais variadas.” (RCNEI vol.1,1998, p.30).

Segundo apontado pelas professoras entrevistadas, a rede municipal oferece formação contínua para os profissionais da área, para ampliar seu campo de conhecimento com temas acerca das culturas infantis, literatura, cantos temáticos, ludicidade, musicalização, educação fiscal, reciclagem, brincadeira e jogos infantis, matemática. Contudo, não oferece cursos de aperfeiçoamento na área de identidade de gênero ou diversidade. Três professoras disseram não ter realizado cursos de formação sobre gênero e diversidade, e uma professora disse já ter realizado curso, porém, não especificou qual, e ao ser questionada pela pesquisadora sobre como era o curso, respondeu: “sobre inclusão/ deficiência”.

A formação acadêmica das professoras contribui para sua prática pedagógica, pois há falas e atitudes dos profissionais que atuam na área, que parecem limitar os aspectos culturais e de formação de gênero, os quais pôde-se observar durante o estudo. Carrara ensina que:

“O modo como homens e mulheres se comportam em sociedade corresponde a um intenso aprendizado sociocultural que nos ensina a agir conforme as prescrições de cada gênero. Há uma expectativa social em relação à maneira como homens e mulheres devem andar, falar, sentar, mostrar seu corpo, brincar, dançar.” (CARRARA, 2009, p.40)

Em um dia de observação, percebe-se que a professora Safira, ao ver as meninas correndo em sala, exclama: “*Eu não entendo você Turmalina, parece um moleque correndo pela sala!*” E minutos depois: “*Ágata! Não grite assim e pare de correr! Uma bailarina anda na ponta do pé e sussurra!*” No momento em que a professora Safira compara Turmalina a “*um moleque*” ou diz a Ágata como uma bailarina se porta, supõe-se que reforça o modelo feminino tradicional, em que busca incentivar através do diálogo. Louro (1997, p. 65), apud Bísaro (2009, p.113), reforça que “Dentre os múltiplos espaços e as muitas instâncias onde se pode observar a instituição das destinações e das desigualdades, a linguagem é seguramente o campo mais eficaz e persistente tanto porque ela nos parece, quase sempre, muito natural”. No questionário, a mesma professora demonstra estranheza ao apontar que tinha uma aluna que preferia brincar com carrinhos, dinossauros e monstros, a brincar

com bonecas, como as demais crianças, assim como aponta também a “desestruturação” da família.

Essa afirmação da professora corrobora o estudo de Auad, que discorre sobre igualdade de gênero, sobre a questão dos profissionais de educação manterem o estereótipo de feminino e masculino, assim como a continuidade do modelo familiar tradicional:

“Herdamos, e agora de muitas maneiras mantemos, uma importante instância de fabricação de meninos e meninas... O trabalho de conformação que tem início na família encontra eco na escola, a qual ensina maneiras próprias de se movimentar, de se comportar, de se expressar, e até mesmo maneiras de ‘preferir’”. (AUAD, 2014, p.31)

Pode-se perceber que há práticas na educação, as quais pretendem transmitir modelos masculinos e femininos tradicionalmente conhecidos pela sociedade, os quais podemos contemplar no quadro comparativo que Belotti apud Carrara (2009, p.100) desenvolveu em sua obra.

Noutro dia de observação, ao abrir a porta da sala, a professora Ametista exclamou para outra professora *“Venha ver que interessante o que Rubi trouxe hoje!”* Rubi é um garoto de três anos, e então a professora retira da bolsa da criança uma boneca.

O brincar é uma forma de se expressar, momento no qual a criança imagina, cria e também recria situações. A postura adotada pela professora Ametista ao mostrar o brinquedo que Rubi trouxe para brincar no espaço infantil, demonstra uma vertente de pensamento, a qual visa a reforçar os modelos femininos e masculinos de comportamento que Auad e Carrara nos trouxeram nas colaborações já citadas, e Sayão, apud Bísaro (2009, p.93), nos faz refletir sobre o assunto:

Permitir ou não que um menino brinque de boneca ou que uma menina brinque de carrinho não é definidor de sua subjetividade, um olhar investigador proporciona aos professores e as professoras uma qualidade em seu trabalho e reduz drasticamente o prejuízo que os preconceitos e as atitudes moralizantes impõem às crianças com quem trabalhamos (SAYÃO, 2004, p. 46).

Semelhantemente, a professora Cristal expõe no questionário que os meninos preferem carrinhos, assim como são “mais agressivos”, e as meninas possuem características mais ‘doces e calmas’, brincam com bonecas e casinha. Também a professora Safira responde que as meninas gostam de brincar de boneca, loucinha, faz de conta, e se refere aos meninos como “mais agitados”, e que preferem montar

pistas, brincar com peças de encaixe, carrinhos “essas coisas”. A professora Jade também aponta brincadeiras semelhantes em suas respostas e concorda que há brincadeiras específicas para meninos e meninas, e tais afirmações nos remetem à contribuição de Moreno, apud Bísaro (2009, p.74):

As meninas têm liberdade para ser cozinheiras, cabeleireiras, fadas madrinhas, mães que limpam seus filhos, enfermeiras, etc., e os meninos são livres para ser [...] ladrões de gado, bandidos, policiais, super-homens, tigres ferozes ou qualquer outro elemento da fauna agressiva (MORENO, 1999, p. 32).

Percebeu-se também, durante as observações, que é comum a professora Ametista posicionar as crianças em filas de meninas e meninos para realização das mais variadas atividades de deslocamento para outros ambientes, tais como parque e refeitório. Tortato (2015, p.106) observa esse mesmo movimento na escola onde “busca separar meninos e meninas, ... De forma geral a escola construiu um modelo de aluna e um modelo de aluno e empenha esforços para fazer com que meninos e meninas se encaixem no formato imaginado”. Felipe, apud Bísaro (2009, p.74) cita que “cabe também às educadoras e educadores diluir algumas barreiras rigidamente estabelecidas em relação ao que seja apropriado para meninos e meninas”, e essa diluição de barreiras, sendo em brincadeiras, filas, atividades, promove além da interação entre os alunos, o respeito entre os gêneros e individualidades, e ao evitar essa relação, reproduzem-se preconceitos, discriminações na sociedade, como Ferreira e Luz indicam:

A sociedade tem imposto padrões de gênero e modelos de sexualidade que impedem o desenvolvimento individual, social e político de muitas pessoas... a imposição de modelos fixos e a intolerância com a diversidade têm gerado discriminação, ódio, preconceito e violência – questões que não contribuem nem para o desenvolvimento humano, tampouco para social de uma nação. (FERNANDO; LUZ, 2009, p.40).

A professora Ametista no questionário, ao responder sobre gênero e como trabalha com as crianças, escreve “Trabalho esta questão de forma simples, existe (sic) apenas dois gêneros que é (sic) o masculino e o feminino. Trabalho com as crianças demonstrando a diferença do menino e da menina em relação a gostos, atitudes, físico e psicológico. Assim as crianças poderão desenvolver seu caráter e sua personalidade”.

Sabe-se que além do gênero feminino e masculino, há homossexual, bissexual, transexual, transgênero. (Carrara, 2009) Com esta afirmação da professora, de haver “somente dois gêneros”, pode-se perceber que sua experiência sociocultural

influencia a sua prática cotidiana. Neste ponto, é importante ressaltar a questão do currículo oculto, no qual, segundo Tortaro (2015, p.116), se “situam relações de poder, a reprodução cultural, as políticas, as ideologias, a questão de gênero, raça e sexualidade, o multiculturalismo... ‘Aprende-se no currículo oculto, como ser homem ou mulher, como ser heterossexual ou homossexual...’ (SILVA,2010, p.79)”.

A professora demonstra através do questionário, gostar de exposições de Arte Moderna e Contemporânea, concertos, museus, bibliotecas, e noutras perguntas ela responde “Deus, em sua infinita sabedoria, ao criar homem e a mulher já colocou neles diferenças em sua genética, que fazem com que um seja diferente do outro; é algo já inserido na composição do ser humano”.

Através de suas respostas e com algumas de suas práticas cotidianas relatadas, pode-se constatar que ela reproduz valores que são contemplados na sua vida sociocultural. Avila; Toneli, Andalo (2009, p. 290) apud Tortaro (2015, p.110), afirmam que “os/as professores/as, como outros membros da sociedade, convivem com e reproduzem alguns preconceitos normativos moralistas em seus movimentos cotidianos, inclusive no ambiente profissional”.

Com tais exemplos e respostas, pode-se perceber que o espaço da educação infantil que visa a ampliar, acrescentar o conhecimento de mundo da criança, está realizando um movimento contrário a sua atribuição, no qual reforça modelos sexistas, de forma positiva, impossibilitando o espaço de interação e educação que contemple a igualdade de gênero. Motta, apud Bísaro (2009, p.91), nos alerta para isso:

A escola produz sujeitos infelizes por não se ajustarem a um modelo real ou porque se ajustam a duras penas, mas não se realizam, sofrem com isso. Como se não bastasse, sem rever esses preconceitos a escola vai produzindo cidadãos igualmente preconceituosos, que irão reproduzir em suas vidas para além da escola as discriminações e exclusões ali aprendidas. (MOTTA, 2004, p. 57).

Convém ressaltar que, conforme já citado antes (RCNEI vol.1,1998, p.30) “o professor... cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e sociais variadas.” E que, nesse sentido, as crianças atuem como atores sociais, e não meros coadjuvantes, pois convivemos e estamos conectados a um mundo dinâmico, em constante transformação, conforme o que Bujes, apud Bísaro (2009, p.26) escreve:

Ao considerarmos que vivemos em contextos culturais e históricos em permanente transformação, podemos incluir aí também a ideia de que as crianças participem igualmente desta transformação e, neste

processo acabam também transformadas pelas experiências que vivem neste mundo extremamente dinâmico (BUJES, 2001, p. 21).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento prévio das turmas e das professoras entrevistadas e observadas, possibilitou vivenciar os momentos descritos de forma plena, sem a preocupação por parte das profissionais ou inquietação das crianças de que “temos uma pessoa estranha na sala!”. O pesquisador, quando se apresenta como um elemento estranho, interfere nas condutas pedagógicas e no comportamento tanto das crianças, como dos professores; já quando se encontra integrado ao ambiente escolar, há a sensação de ‘conforto’ entre os pares ao se falar ou agir.

Pode-se afirmar que em um mundo no qual o dinamismo, a diversidade em seus amplos e mínimos aspectos, fazem parte do cotidiano das pessoas, foi possível perceber através deste estudo que há muito a se ampliar no que se refere às discussões sobre igualdade de gênero nos espaços de educação infantil.

Ao acompanhar a rotina, pode-se verificar como os profissionais da área introduzem em suas práticas pedagógicas movimentos contrários aos recomendados pela Lei de Diretrizes e Bases Nacionais da Educação Nacional (LDB) e pelos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, pela experiência cultural que vivenciam além dos muros da educação infantil. Trazem para o convívio das crianças suas ideias, posturas, conceitos de certo e errado, hábitos, decepções e limitações.

Reproduz-se nesse espaço a ideia de atitudes sexistas, seja por comportamento, brincadeiras, brinquedos oferecidos, através dos quais, em alguns casos, os educadores visam a induzir de forma direta seus princípios/valores/costumes, conduzindo as crianças à reprodução de um modelo de feminino e masculino tradicional. E, quando a criança diverge do padrão, é vexada entre os profissionais, mantendo-se assim uma conduta de preconceito, ódio, violência e discriminação, que pode-se perpetuar ao manter essa conduta conservadora, conforme já discutido.

Portanto, há a necessidade de ser discutida e problematizada a questão da igualdade de gênero no espaço da educação infantil, para que os profissionais ampliem seu conhecimento acerca desse tema, que demonstrou-se limitado e

polêmico em dados momentos. Da forma como o tema é abordado nas turmas, percebe-se um retrocesso quanto à diversidade de gênero.

Considerando estas pontuações, este artigo apresenta apenas algumas pinceladas de um cotidiano da educação infantil e do pensamento de alguns profissionais que nele atuam, pois é um espaço em que se vivenciam muitas falas, ideias, movimentos os quais não foram abordados neste artigo, e que há muito mais a ser discutido acerca do tema, de forma aprofundada em outros estudos.

Embora as lutas pela igualdade de gênero, assim como o respeito à diversidade, vêm ocorrendo há algum tempo, percebe-se o quanto as atitudes e convenções sociais discriminatórias tem se revelado bastante presentes nos mais variados segmentos da sociedade. Infelizmente de forma muito natural.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AUAD, Daniela. Diversidade e Educação: Intersecções Entre Corpo, Gênero e Sexualidade, Raça e Etnia. Jamil C. Sierra; Marcos C. Signorelli. Matinhos: UFPR Litoral, 2014.

CARRARA, Sérgio. Gênero e Diversidade na Escola: Formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro Conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC, Brasília: SPM, 2009.

DALFOVO, Michael S.; LANA, Rogério A.; SILVEIRA, Amélia. Métodos Quantitativos e Qualitativos: Um Resgate Teórico. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.0113, Sem II. 2008 ISSN 1980-703

GUIMARÃES, Isaura. Educação Sexual na Escola: Mito E Realidade, 2002, 2ª. ed.

NOGUEIRA, Juslaine de F. A.. A Normalidade Em Suspeita: Ou Quando A Diferença Joga No Labirinto: Diversidade e Educação Intersecções Entre Corpo, Gênero E Sexualidade, Raça E Etnia. 2014.

TORTATO, Cíntia de S. B.. Educação & Diversidade: A Questão De Gênero E Suas Múltiplas Expressões. Nadia T. Colovan; Daniel C. de Oliveira. (Orgs) – Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2015

## **SITES INTERNET**

BÍSCARO, Cláudia R. R.. A Construção das Identidades de Gênero na Educação Infantil. Universidade Católica Don Bosco. Campo Grande, MS 2009.

<http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8069-a-construcao-das-identidades-de-genero-na-educacao-infantil.pdf>

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm)

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL (LDB)  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL:  
INTRODUÇÃO. Volume 1. Brasília, 1998  
[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf)

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL:  
FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL. Volume 2. Brasília, 1998  
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL:  
CONHECIMENTO DE MUNDO. Volume 3. Brasília, 1998  
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>